

De *Marly Vasconcelos*

Eu dançava sem par no teatro vazio,
no braço a pulseira com o nome impresso
no ouro falso das moedinhas.

Súbito, a música cessou. Parei o rodopio.

Palmas, ouvi palmas entusiasmadas

e perplexa ergui os olhos.

Na última cadeira com forro de palhinha,
tu, solidão, tu me aplaudias.

Quem odiou tua chegada
e te chamou de desastre
porque não suportou a força da visita
que fizeste inesperada,
não merecia sentir o cheiro do teu corpo
que flutua na varanda
nem reencontrar no brilho do sorriso
a infância longínqua,
o anel da ciranda.

Na paisagem de azulejos corroídos,
geometria pálida, perfil sereno e digno,
caminho lentamente.
O vento bate na frente do casario
e na última janela,
a mais envelhecida,
eu reencontro a poesia do teu enigma.